

A CATEGORIA ADVÉRBIO NA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS FALADO

Rodolfo ILARI¹

- RESUMO: O presente texto relata o trabalho da equipe que, no interior do Projeto “Gramática do Português Falado”, ao tratar, descritiva ou teoricamente, de algum fato lingüístico do português falado culto do Brasil, sob o aspecto da ordem linear dos elementos, fixou-se no advérbio. O estudo aqui relatado durou três anos e foi muito importante para consolidar a própria equipe e seu modo de fazer lingüística, orientar a busca de uma organização racional das palavras que as gramáticas têm reunido sob a denominação de “advérbios”, e esclarecer o papel que devem desempenhar, numa gramática lingüisticamente fundamentada, as “classes de palavras”. Por fim, discute-se o caráter “científico” da investigação aqui descrita.
- PALAVRAS-CHAVE: Advérbios; classes de palavra; língua falada; gramática; sintaxe.

A escolha do tema

Em 1989, durante o segundo Seminário do Projeto “Gramática do Português Falado”, foi passada aos presentes a incumbência de se organizarem em grupos para tratar, descritiva ou teoricamente, de algum fato lingüístico do português falado culto do Brasil, sob o aspecto da ordem linear dos elementos. A equipe que, em seguida, assumiria a tarefa de tratar das “Classes Gramaticais e Lexicais do Português Falado”² fixou-se então no advérbio, que, nas gramáticas tradicionais, é descrito ora como a palavra que tem sua posição “normal” depois dos termos integrantes do predicado, ora como a palavra que tem posição livre, podendo figurar entre dois constituintes quaisquer.

Esse estudo durou três anos e foi muito importante a) para consolidar a própria equipe e seu modo de fazer lingüística, b) para orientar na busca de uma organização racional das palavras que as gramáticas têm reunido sob a denominação de “advérbios” e c) para esclarecer o papel que devem desempenhar,

¹ UNICAMP – Instituto de Estudos da Linguagem – Departamento de Lingüística – 13081-970 – Campinas – SP – Brasil. Endereço eletrônico: rilari@gmail.com

² Esse grupo contou, no início, com a participação de Ataliba T. de Castilho, Célia Maria M. de Castilho, Carlos Franchi, Marco Antônio de Oliveira, Margarethe Elias, Maria Helena de Moura Neves e Sírío Possenti.

numa gramática lingüisticamente fundamentada, as “classes de palavras”.³

Neste texto, relato essa investigação, comentando em seguida, seu caráter “científico”.

Amplitude da investigação possível

Partimos das definições tradicionais de advérbio. Dois ingredientes morfossintáticos aparecem regularmente nessas definições: (a) o caráter de palavra invariável e (b) o caráter de palavra regida, aplicada tipicamente a não-substantivos; por esse segundo critério, os adjetivos, relacionados sintaticamente aos nomes, distinguem-se dos advérbios, normalmente relacionados ao verbo, a adjetivos ou a outros advérbios. Como é o caso para outras classes gramaticais (“designação de seres” para o substantivo, “expressão da qualidade” para o adjetivo, etc.), também se utilizam na caracterização tradicional dos advérbios alguns critérios nocionais; (c) o principal desses critérios recorre à noção de modificação: assim se define o advérbio como a palavra que modifica a idéia expressa pelo verbo ou denota as “circunstâncias” em que se dá o processo a que ele faz referência.

Os três critérios tradicionais permanecem válidos. Mas, como outros critérios da tradição gramatical, sua aplicação surte efeitos claros e não contraditórios apenas em um pequeno número de casos exemplares. Na prática, o gramático defronta-se com inúmeros exemplos em que eles levam a classificações conflitantes; e às dificuldades da aplicação dos próprios critérios a gramática tradicional tem acrescentado as de um tratamento até certo ponto inconseqüente, pelo hábito de enquadrar entre os advérbios uma quantidade enorme de *palavras* que, apenas em algumas ocorrências particulares e em alguns ambientes sintáticos, atendem àqueles critérios. Tratar do “advérbio” é, antes de mais nada, tomar consciência desses equívocos, constatando a diversidade de emprego dessas expressões.

Problemas das classificações tradicionais

Começemos por assinalar os seguintes empregos:⁴

³ O primeiro texto produzido pelo grupo foi Ilari et al., “Considerações sobre a posição dos advérbios”, in Castilho (1990). Esse texto teve um importante papel de orientação e estímulo, suscitando pesquisas que originaram uma série de outros textos dedicados a sub-classes específicas de advérbios. A presente exposição é uma síntese daquele trabalho.

⁴ Os exemplos aqui transcritos salvo indicação de [n.a.] foram colhidos no Corpus do Projeto NURC. Para sua localização naquele *corpus*, ver Ilari et al. (1990).

- (1) *Estudei bem, fiz um estudo bem certinho para ver qual era a melhor [escola] e foi determinado, visto que aquela era melhor. Então [o menino] foi posto [naquela escola], quer dizer não foi uma escolha **assim** sem base.*
- (2) *Então eu tenho muita tarefa também fora de casa, não é... manter contacto com entidades **aqui** do bairro... com os pais de alunos e tudo mais.*
- (3) *Eu acho que um trabalho **assim**... de gabinete eu gostaria.*
- (4) *Mas a cadeia de supermercados **aqui** é do Recife.*
- (5) *Isso **aqui** é entrada.*
- (6) *Eu recebi **aqui** meu ordenado.*

Em todos esses exemplos atua um mecanismo de sinalização pelo qual um dêitico antecipa a função sintática e semântica da expressão que segue. Esse mecanismo se estende a outros dêiticos que antecipam “cataforicamente” adjuntos adverbiais, predicados complexos, ou mesmo argumentos do verbo, cp.

- (7) *eles têm noção de horário porque **lá** em casa tudo é função do horário.*
- (8) *Ela é supervisora nata, é, **assim**... ah... toma conta precocemente, não? Das atividades dos irmãos.*
- (9) *São muito acomodadas... ainda não começaram **assim**... aquela fase chamada de mais difícil, de crítica.*

A idéia que prevaleceu no grupo é que, em empregos como esses, os dêiticos têm um papel de sinalizadores. Por sua vez, os dêiticos invariáveis a que se tem chamado tradicionalmente de “advérbios de lugar/advérbios de tempo” admitem usos bastante variados, muitos deles difíceis de classificar. Que o digam as ocorrências de *lá* encontradas nas orações que seguem (não atestadas no *corpus*), nas quais essa palavra não é nem um modificador, nem um argumental, nem um advérbio de lugar:

- (10) Ele tem **lá** seus defeitos.
- (11) Eu sei **lá** o que isso quer dizer.
- (12) Aassalariado **lá** tem escolha?
- (13) Isso é **lá** com ele.

Para alguns desses empregos, a melhor caracterização é talvez como marcadores de distância do locutor em relação ao conteúdo de sua asserção, com um elemento de atenuação que, em (11) e (12) (talvez pela presença do predicado epistêmico *sei* ou da interrogação?), resulta num efeito de negação.

Outras palavras tradicionalmente classificadas como advérbios que colocam em xeque os critérios tradicionais são os “intensificadores”, *muito*, *pouco*, *bastante*... Esses advérbios compartilham a invariabilidade com os indefinidos

neutros. Quando há motivos igualmente fortes para encarar o verbo como transitivo ou intransitivo, uma forma invariável como *muito, pouco, bastante...* pode ser analisada ora como SN em função de objeto direto, ora como advérbio. É o que ocorre em

- (14) *Em casa o café é muito demorado, muito complicado, quer dizer, então, até eles comerem todas as coisas que fazem parte do café eles demoram; um briga com o outro, a divisão tem que ser absolutamente exata, porque se um tiver mais do que o outro sai um monte de briga; na realidade não acabam tomando tudo não, comendo tudo que têm. Mas PRECISA TER IGUAL. Basta ser igual.*

Nesse exemplo (14), *mais, tudo, igual* entram em estruturas sintáticas perfeitamente paralelas; embora *mais* seja considerado por alguns gramáticos um advérbio, *tudo*, um pronome indefinido e *igual* um adjetivo, todas essas formas ocupam posições argumentais.

Tudo isso mostra que os critérios habitualmente usados para delimitar a classe dos advérbios só identificam aproximativamente as expressões que a mesma tradição tem apontado como tais; por conseguinte, os critérios habituais não são aproveitáveis para uma análise rigorosa e exaustiva. Indiretamente, porém, sua discussão serviu para lançar um pouco de luz sobre algumas facetas insuspeitadas do tema “advérbios” e sobre a possível existência de regularidades que autorizam a falar, se não do advérbio como uma classe homogênea, pelo menos de conjuntos de expressões que funcionam de maneira sensivelmente semelhante. Pensamos, por exemplo, que se justifica tratar como classes bem configuradas os dêiticos e os intensificadores. A nosso ver, esses tipos são diferentes das classes de advérbios tradicionalmente reconhecidas, havendo evidências de que devem ser tratados à parte.

Crítérios alternativos de demarcações do campo

A discussão permitiu também que aflorassem, ainda que de maneira confusa, duas dimensões para a classificação das expressões tradicionalmente reconhecidas como advérbios: a primeira dimensão é a dos segmentos sintáticos a que o advérbio se aplica; contrariamente à definição tradicional, esse segmento não é nem um verbo, nem um adjetivo nem um outro advérbio numa vasta série de casos.

A segunda dessas dimensões é a das “funções” que os chamados advérbios desempenham; essas funções são bastante diferenciadas, o que tende a ser escamoteado quando se reconhece uma única função extremamente genérica de “modificação”.

Dito de outra maneira, surgiram evidências de que o advérbio *não* é uma classe de palavras com características morfossintáticas uniformes. Por isso, era um contra-senso propor ou até mesmo ensaiar uma definição geral de advérbio, mesmo que essa expectativa estivesse na consciência de muitos de nós; o que pareceu necessário foi ao contrário, aprofundar as distinções, tentando organizar a heterogeneidade das palavras que a tradição gramatical tem lançado acriticamente nessa classe. Esse foi nosso próximo passo.

O quadro maior da análise dos advérbios

Advérbios *Sentenciais* - Na concepção tradicional o advérbio é representado como uma “parte da oração”, sugerindo-se que seu papel se esgota quando é aplicado aos constituintes da oração. É sabido, ao contrário, que o advérbio pode aplicar-se também à oração como um todo. Considere-se o seguinte enunciado:

(15) **Basicamente**, eu posso não interferir no processo global... mas eu queria entender esse processo.

Sabendo que o informante está falando das relações sociais em que está inserido, seu enunciado poderia ser parafraseado como “*em síntese/no fundamental*: aspiro a compreender as relações sociais em que estou envolvido, embora eu não possa interferir nelas”. Cabe então distinguir em (15) um conteúdo assertado (“aspiro a... apesar de que...”) e uma qualificação da asserção (“minha asserção tem um caráter de síntese”) pela qual é responsável o “advérbio” *basicamente*. Se é assim, *basicamente* refere-se ao resto da sentença como um todo, e não a algum constituinte em particular. Semanticamente falando, é um advérbio sentencial. Vejamos mais alguns casos:

(a) os “advérbios *de circunscrição*” - Alguns advérbios servem para limitar o ponto de vista do qual pode ser considerada correta a asserção; por isso, os chamamos “advérbios de circunscrição”, tal como já se fez em lingüística americana (ingl. *hedges*).

(16) **Humanamente**, é impossível fazer tanto processo ao mesmo tempo.

(b) *Quase-modais* - Outros advérbios sentenciais, incluindo *realmente*, *provavelmente*, *possivelmente*, *difícilmente*, modalizam a asserção. Seu papel lembra vagamente o dos operadores da lógica modal, mas a modalização atestada nos dados é geralmente de caráter epistêmico, isto é, refere-se às opiniões e expectativas dos interlocutores, razão pela qual reservamos a eles a denominação de “quase-modais”. Eis alguns exemplos do *corpus*:

(17) **realmente**, deve ser maravilhoso ter uma família grande.

- (18) *Eu pus numa escola, ele não gostou daquela... Aí eu achei que, **realmente**, a escola não preenchia tudo que eu gostaria que preenchesse.*
- (19) *[É de praxe] falar com essa pessoa e agir com essa pessoa dentro da máxima ética... porque essa pessoa **provavelmente**, será um cliente futuro.*
- (20) *Ela está assumindo tarefas assim muito precocemente. **Possivelmente** passe essa fase*
- (21) *Há pessoas que **difficilmente** perdem a calma, perdem o controle.*
- (c) *aspectualizadores - Ainda uma outra classe de advérbios sentenciais inclui ocorrências de *geralmente, normalmente, diariamente, de vez em quando, às/algumas vezes*, indicando a frequência com que um evento se reitera.*
- (22) ***Normalmente**, quando tem muitos [filhos] e um começa a tomar atitudes mais ou menos autoritárias, os outros mesmos se encarregam de colocá-lo no lugar.*
- (23) ***Diariamente, quase que diariamente**, eles chegam atrasados.*

Advérbios de discurso - Alguns “advérbios”, particularmente os dêiticos, podem aplicar-se a unidades cujas dimensões ultrapassam não só os limites dos constituintes, como também da sentença.

No exemplo a seguir, o advérbio *agora* tem duas ocorrências:

- (24) *A- **Agora** que estão todos maiores, quer dizer, cada um fica mais ou menos responsável por si. B- já se cuidam A- de higiene, de trocar de roupa, todo esse negócio. Quer dizer, já é alguma coisa que ele fazem porque... B- Ajuda demais, né? A- Já ajudam bem. A- **Agora**, tem sempre [...] numa família grande há sempre um com tarefa de supervisor... por instinto, não é por obrigação.*

Ao passo que a primeira estabelece uma referência temporal ao momento de enunciação, a segunda introduz um novo “momento de discurso” que se distingue do anterior por uma mudança de tópico e de orientação discursiva. No trecho anterior, a iniciativa das crianças era descrita com otimismo; já no trecho que começa com *agora*, esse otimismo sofre uma ressalva; no próximo momento, passarão a ser assunto do diálogo as atitudes repressivas da filha mais velha para com os irmãos.

Não causa estranheza encontrar em funções discursivas precisamente os elementos dêitico-anafóricos. Passando da dêixis para a anáfora e para as operações discursivas, há um progressivo esvaziamento da dimensão espaço-temporal, na medida em que o discurso se torna a dimensão de referência. À sequência cronológica e à referência espaço-temporal se substituem assim outras séries, que incluem a continuidade temática, a continuidade do tópico e a continuidade e ordenação da argumentação. Mas o uso discursivo de advérbios não se restringe aos dêitico-anafóricos. Considerem-se, por exemplo, estas duas ocorrências de *inclusive*, indicando que uma conclusão aceitável, para a qual os interlocutores já dispõem de outros argumentos, é apoiada também pelo argumento que segue:

- (25) *O endocrinologista proibiu terminantemente que eu tenha mais filhos **inclusive** ele disse que se eu tiver vai ser necessário um aborto.*
- (26) *Quando são amigos escondem tudo e **inclusive**, se há alguma coisa quebrada (por exemplo eu chego, foi um dos dois) o aquele que fez diz que foi ele que fez ou então é o pai ou mãe, aquele que não estiver presente.*

Exclusões estratégicas

Resumindo, a análise dos *corpora* levou-nos naturalmente a reconhecer que um número alto de ocorrências “adverbiais”, como as que encontramos em (27)-(31) se aplicam a unidades distintas dos “verbos, adjetivos e advérbios” de que fala a tradição gramatical:

- (27) *A cadeia de supermercados **aqui** é do Recife.*
- (28) *Uma pesquisa **agora** da ONU determinou o seguinte..*
- (29) *Isso **aqui** é entrada.*
- (30) ***Exatamente** nove ou dez.*
- (31) ***Justamente** porque a tabela não deu certo é que os filhos vieram ao acaso.*

Mostrou também que há advérbios que se articulam com segmentos definidos não enquanto constituintes da sentença, mas enquanto segmentos temáticos ou discursivos.

Em suma, uma descrição completa do advérbio mobiliza dois tipos de gramática: a) a que estuda as expressões do ponto de vista de sua constituição morfosintática e de sua conexidade; b) a que trata do fluxo de informações e da coesão textual. Como essas duas gramáticas têm interesse em reconhecer unidades inferiores à sentença, e unidades iguais ou superiores à sentença, chegamos ao seguinte enquadramento para as expressões tradicionalmente classificadas como advérbios. Na primeira coluna, as relações que contam são de natureza estrutural, na segunda, são de natureza coesiva, para adotar uma conhecida distinção de Halliday e Hasan (1976).

Âmbito	Gramática da conexidade	Gramática da coesão
Inferior à sentença	advérbios de constituinte	advérbios de tópico etc.
Igual ou superior à sentença	advérbios sentenciais	advérbios de discurso

Quadro 1 – Expressões tradicionalmente classificadas como advérbios

Dada a formação do grupo, pareceu-nos temerário tentar tratar com alguma sistematicidade da interação dos advérbios com unidades coesivas. Embora esse tipo de estudo ficasse claramente demarcado, nosso trabalho limitou-se, pois, à interação dos advérbios com unidades definidas estruturalmente.

Os advérbios na estrutura oracional

A oposição predicativo/não-predicativo

Na afirmação tradicional de que o advérbio modifica o sentido do verbo ou do adjetivo está implícita a hipótese de que, de um ponto de vista lógico, ele expressa uma predicacão de grau superior: assim como o verbo ou o adjetivo atribuem uma ação ou uma propriedade ao sujeito, o advérbio predicaria uma propriedade da qualidade ou ação que se atribui ao sujeito: assim, em “João caminha lentamente”, descreve-se como sendo lenta a ação de caminhar que se atribui a João.

Essa representação fornece um critério para organizar as ocorrências do *corpus*; há, com efeito, alguns empregos em que a idéia de predicacão de segundo grau se aplica com naturalidade, como em (32), e outros para os quais seria contra-intuitiva como em (33).

(32) chegar **bem** / falar **muito** / **autenticamente** brasileiros

(33) chegar **aqui**, chegar **cedo**, **não** falar, melhorar a sinalização, **inclusive** vertical

A distinção predicativo/não-predicativo que acaba de ser esboçada não tem por critério a possibilidade de obter paráfrases em que a expressão adverbial é substituída por um predicado no sentido gramatical do termo, mas a diferença dos papéis lógicos que os advérbios que desempenham. Para marcar essa diferença, propomos que o leitor realize um artifício de raciocínio em três etapas: (i) considerar o verbo ou o adjetivo “em estado de dicionário”; (ii) refletir sobre sua definição lexical, chegando a um núcleo significativo; (iii) verificar de que modo esse núcleo significativo foi afetado pelo advérbio. Entendemos que nos exemplos de (32) o núcleo significativo do verbo e do adjetivo foi afetado pelo acréscimo do advérbio (houve qualificação, intensificação, alterando aquele núcleo); já nos exemplos de (33) o sentido de dicionário dos verbos e do adjetivo permaneceu intacto, tendo-se apenas agregado circunstâncias de tempo e lugar, ou indicações sobre os limites de aplicação da proposição com eles construída.

Os resultados dessa reflexão são os mesmos que poderíamos obter buscando uma tradução daquelas expressões em linguagem do cálculo dos predicados: aí, somente os advérbios predicativos correspondem a “predicados de segunda ordem”, ao passo que os não-predicativos devem ser tratados como argumentos de primeira ordem (*cedo*) ou como operadores lógicos. Valham, a título de lembrete, as traduções que se poderiam esperar, na linha de Reichenbach, para

- (34) a. José saiu: (3f) [S(f) & f(j)]
b. José saiu precipitadamente: (3f) [S(f) & P(f) & f(j)]
c. José saiu ontem: (3f) [S(f) & f(j,o)]
d. José não saiu: (3f) [S(f) & ~f(j)]

(onde *José* corresponde ao argumento “j”, *saiu* corresponde ao predicado de primeira ordem “S”, *precipitadamente* corresponde ao predicado de segunda ordem “P”, *ontem* ao argumento “o” e *não* ao operador “~”).

Advérbios predicativos - Entre os advérbios que se enquadram em nosso conceito de predicativos, há algumas classes mais claramente caracterizadas.

- (a) A primeira dessas classes é representada por construções como *comer bem*: o paralelismo dessa construção com a que se compõe de substantivo mais adjetivo indicando qualidade (*comida boa*) é flagrante, e foi a principal motivação para denominar os advérbios dessa subclasse de “qualitativos”. Encontramos advérbios qualitativos aplicados a adjetivos e verbos. Advérbios predicativos aplicados a advérbios podem ser lembrados (*maravilhosamente bem*), mas não apareceram no *corpus*.
- (b) Uma outra subclasse de advérbios predicativos a considerar é a dos intensificadores, na qual incluímos ocorrências de *mais* e *muito*. O uso mais típico desses intensificadores é com verbos, adjetivos e advérbios (*sofrer mais, mais triste, mais depressa*); seu uso ao lado de substantivos e pronomes soa como uma espécie de metáfora (cp. “*ele é muito gente*”, “*o chefe é muito ele*”), ou determina ambigüidades do tipo quantitativo/qualitativo (Os funcionários poderiam ter sido mais gente votando no partido X).
- (c) Os advérbios que numa passagem anterior foram denominados “quase modais”, “de circunscrição” e os de “de atitude proposicional” atuam de maneira bastante parecida, no sentido de que qualificam a asserção (“Certamente P” = Afirmando com certeza que P; “Felizmente P” = É um prazer para mim afirmar que P; “Tecnicamente P” = Falando de um ponto de vista técnico, cabe afirmar que P). Em seus exemplos mais típicos, esses advérbios se aplicam a sentenças completas. Para dar conta de suas semelhanças, pareceu-nos oportuno reuni-los numa classe intermediária, subordinada à dos predicativos, que denominamos “modalizadores”. Essa denominação resulta do fato de que aplicam à asserção qualificações que lembram vagamente as modalidades lógicas e o tipo de qualificação imposta à asserção pelos modos verbais.
- (d) Incluímos, ainda, na classe maior dos predicativos, os advérbios “aspectualizadores”.

Advérbios não-predicativos - Chamamos em geral de não-predicativos aos advérbios para os quais não cabe falar em “modificação de sentido”, nem em “predicados de segunda ordem”, sendo típicos a negação e os circunstanciais.

- (a) Sabe-se desde Frege que a negação não é ingrediente da proposição (mais exatamente: não é um predicado, nem um ato como a asserção: é uma

operação sobre proposições que inverte a suposição de verdade das mesmas). Constatar esse fato é reconhecer que a negação opera diretamente sobre o valor de verdade que se pensa em atribuir à sentença, uma característica que a negação compartilha com as expressões de inclusão/exclusão (*inclusive, só*) e de focalização (*justamente, exatamente*), as quais, além do mais, comparam proposições semelhantes quanto a valores de verdade. Entendemos que todos esses advérbios deveriam ser reunidos numa mesma classe de “advérbios de verificação”.

A análise dos advérbios de negação que ocorrem no *corpus* alertou-nos contudo para o fato de que, com mais frequência do que o esperado, o que se nega (confirma, focaliza) é a expressão utilizada; nesses casos a negação (confirmação, focalização) assume um caráter metalingüístico, e todo o realce é dado ao modo de dizer. Para distinguir os dois possíveis usos dos advérbios de verificação, utilizamos, por sua clareza, a velha distinção *de dicto/de re*.

(b) A principal observação sobre os circunstanciais é que as ocorrências encontradas no *corpus*, embora numerosas, se limitavam praticamente à classe dos dêiticos; se definirmos, os dêiticos como “palavras cuja referência é função do contexto”, todas as ocorrências de circunstanciais atestadas no *corpus* são dêiticas; se os definirmos como “palavras cuja referência é função do aparelho da enunciação”, apenas sobravam como exceção algumas poucas ocorrências de *cedo*.

Essa observação mostrou, mais uma vez, que os dêiticos têm comportamento sintático idiossincrático, o que aconselhava a tratá-los como uma classe à parte na gramática do português falado. No que segue, adotaremos essa atitude; pensamos contudo que convinha conservar a classe dos circunstanciais, como um modo de deixar em aberto a questão de sua relevância. Essa análise foi realizada em Neves (1992).

Proposta de classificação dos advérbios na “Gramática de Conexidade”

Como resultado das decisões descritas até aqui, chegamos ao Quadro 2: trata-se de uma matriz com duas dimensões, na primeira das quais se classificam as ocorrências de advérbios pela sua função, a começar pela distinção predicativos não-predicativos, ao passo que a outra as classifica pelo tipo de unidade sintática a que se aplicam, a começar pela distinção entre advérbios sentenciais e “de constituente” (note-se que os números identificam as posições no quadro).

TIPOS DE ADVÉRBIOS		PREDICATIVOS						NÃO PREDICATIVOS								
								de verificação								
								de re			de dicto			circunstanciais		
		qualitativos	intensificadores	modali- zadores		aspectualizadores	negação	afirmação	inclusão/exclusão	focalização	denegação	afirmação	focalização			
quase-modais	hedges			atitudinais												
constit.	substantivo		11					61		81						
	adjetivo	02	12					62			92	102				
	verbo	03	13					63		83	93					133
	numeral		14								94	104				
	advérbio		15					65		85	95					
	outros							66		86	96					136
senten.				27	37	47	57		77		97	107				

Quadro 2 – Os advérbios: uma tipologia possível

Exemplos:

- 02 *O comer está exatamente dentro de um prato requintado, **bem** apresentado, uma mesa bem posta.*⁵
- 03 *Morar **bem**, buzinar **brabamente**.*
- 11 **Ele é **mais** gente do que ela.*
- 12 ***meio(a)** desiludida, (uma família) **bem** grande, **absolutamente** exata*
- 13 *fala **muito**, procurei **bastante**, **quase** nem aparece*
- 14 ***mais** trinta*
- 15 ***mais** autenticamente, **muito** menos*
- 27 *Precisa **realmente** estar convencido. **Logicamente** eu gostaria de fazer isso. Não vai resistir, **tecnicamente** vai acabar **mesmo**. O Brasil tá montado em cima de caminhão...então não tem solução **mesmo**.*
- 37 ****basicamente**, P. Isso é **humanamente** impossível. Não vai resistir, **tecnicamente** vai acabar mesmo.*
- 47 ***felizmente**, essa fase ainda não começou:*
- 57 ***normalmente**, P;*

⁵ Nos exemplos da classe 02, o advérbio aparece ao lado de um particípio passado. Caso o particípio passado seja considerado verbo, não parece haver qualificadores aplicados a adjetivos.

- 61 *O importante da pimenta é o aspecto aromático*
- 62 **países **não** fala;*
- 63 *a criança **não** fala;*
- 65 *Põe um ou dois tomates, **não** mais do que isso.*
- 66 *o futuro pertence **não** a Deus mas a nós*
- 77 *L1 - Esse caminhão nas nossas estradas não passa / L2 - **Sim** passa mas ocupa a estrada inteira*
- 81 *Cuidaram da sinalização, **inclusive** a sinalização vertical*
- 83 ***Só** reclama*
- 85 *Comecei a trabalhar há dois anos: só antes não trabalhava.*
- 86 *Não passava **mais** ninguém. Trabalhei **só** no início de casada.*
- 92 ***autenticamente** brasileiros*
- 94 ***exatamente** nove*
- 95 *Nós estamos com muito trabalho. Muito trabalho **mesmo**.*
- 96 *Queria falar **justamente** a respeito disso. **Justamente** proque a tabela falhou é que os filhos vieram ao acaso.*
- 97 *Aí é que entra o problema de dinheiro porque **justamente** não posso deixar o segundo emprego neste momento*
- 102 *Ela está com três anos e pouco e ainda não fala, então ela faz reeduca... reeducação **não**... exercícios.*
- 104 *Os três primeiros, **não**, nos primeiros meses daquele trimestre..*
- 107 *me enganei **não**, fui enganada*
- 133 *acordar **cedo***
- 136 *de manhã **cedinho**.*

Comentários

Embora as tenhamos encontrado por um processo quase apriorístico, as classes do Quadro 2 são empiricamente relevantes. Uma das maneiras de confirmá-lo consiste em perguntar caso a caso se o advérbio sofre alguma restrição de seleção por parte da palavra a que se aplica. É evidente que há restrições claramente marcadas em frases como

(35) *O endocrinologista proibiu **terminantemente** que eu tenha mais filhos.*

(36) *... pessoas que dificilmente perdem a calma, perdem o controle, falam **pausamente**.*

pois só se concebe *terminantemente* referido a verbos de proibição, e

pausadamente referido a verbos que descrevam atividades de fala, ou respiração. Também é evidente que não há qualquer restrição de seleção entre o verbo e o *realmente* de (37): a asserção que segue o advérbio *realmente* poderia ser qualquer uma.

(37) **Realmente** deve ser uma delícia ter uma família bem grande.

Entre essas duas situações extremas e exemplares, parecem situar-se vários outros casos em que a compatibilidade não depende do conteúdo lexical da expressão sobre a qual o advérbio opera, mas, por exemplo, do esquema tempo-aspectual associado à ação ou estado que o predicado evoca. Assim, em

(38) Essa refeição **habitualmente** leva uma hora e meia mais ou menos.

é essencial para um emprego adequado do advérbio que o verbo esteja num tempo e modo capazes de expressar reiteração (*tem levado, levava, leva* mas não *levou*).

Ao considerar as restrições seletivas entre verbo e advérbio, somos levados a considerar três casos:

- (i) há restrições que resultam especificamente da ação/estado descritos, tendo, portanto, um fundamento argumental (ex.(35) e (36));
- (ii) há restrições que dizem respeito ao esquema tempo-aspectual, e visam basicamente a preservar uma compatibilidade de aspecto (ex. (38));
- (iii) não há, entre o advérbio, qualquer tipo de restrição (ex. (37)).

Essa distinção, oportunamente cruzada com outras, dá respaldo ao Quadro 2 ou a alguma de suas possíveis variantes.

Outra maneira de reafirmar a relevância empírica do Quadro 2 é examinar as ocorrências dos advérbios do ponto de vista do escopo, entendendo-se informalmente por escopo o conjunto de conteúdos afetados por algum operador. No caso, esse operador é o próprio advérbio, e os conteúdos em questão são supridos por outras expressões que com ele interagem no mesmo co-texto.

Uma aplicação típica da noção de escopo pode ser feita em (39), onde o operador é o advérbio de negação *não* e o escopo é *com certeza*.

(39) [Co-texto: pretendo voltar a estudar, mas...] *Com as crianças necessitando da gente, não (se) pode precisar [quando isso acontecerá] com certeza.*

Aí, a noção de escopo presta-se para esclarecer a existência (potencial) de uma dupla interpretação: 1) renuncie-se a uma previsão exata, 2) tenha-se certeza da impossibilidade de previsão.

Uma “gramática do escopo dos advérbios em língua portuguesa”, isto é, um estudo sistemático de observações a respeito dos conteúdos que um advérbio pode afetar, é hoje um obscuro objeto de desejo; também não fica claro, fora de

um tratamento formal complexo e requintado, o que se deva entender pela afirmação de que o advérbio “afeta” determinados constituintes. Mas intuitivamente é possível trabalhar com a noção de escopo, e construir por meio dela uma série de testes/critérios operacionais.

(a) O primeiro desses critérios distingue entre os advérbios conforme podem ou não incluir-se no escopo da negação. Essa possibilidade fica excluída para advérbios como *possivelmente*, *geralmente*, *inclusive*, *felizmente* e para algumas interpretações de *no fundo*, *difícilmente* e *normalmente*. São, por coincidência, alguns dos chamados “advérbios sentenciais”, a confirmar que a negação é, ao menos em alguns empregos mais típicos, uma operação que se faz no conteúdo proposicional. O caso dos advérbios como *no fundo*, que ora se incluem ora não no escopo da negação, é bastante ilustrativo da incompatibilidade dos advérbios de frase com a negação: em

(40) A polícia não procurou o bandido **no fundo** [n.a.].

(41) A polícia procurou o bandido mas não foi **no fundo** [n.a.].

no fundo é eventualmente a expressão que se pretende negar, mas nesse caso interpreta-se como complemento de lugar (“em sua procura a polícia não examinou o fundo, da loja, do ônibus, etc.”); observações análogas valem para *normalmente*, *difícilmente* e outros advérbios, que só se submetem à negação se forem interpretados como adjuntos de modo.

(b) Supondo que todo advérbio, ao entrar em composição com outros elementos da oração, os afeta semanticamente, a afirmação de que todo advérbio tem escopo se torna trivial. Mas no caso de alguns advérbios a operação semântica que eles realizam, além de afetar uma determinada seqüência como um todo, parece dirigir-se mais especificamente a um determinado constituinte. É o caso de *não* em (42), onde a negação, se tem, por um lado, o papel de declarar globalmente falso todo o resto da sentença,

(42) *Os dois pequenos não aceitam muito a pajem*

(43) *Os dois pequenos aceitam muito a pajem.*

parece dirigir-se mais especificamente ao intensificador *muito*. Note-se que não seria correto inferir de (42) que os dois pequenos não aceitam a pajem *tout court*. Há assim advérbios cujo escopo comporta um elemento em relevo e advérbios cujo escopo é “horizontal”, composto de vários constituintes indistintos, e esse é mais um critério válido para reparti-los em classes.

(c) Alguns advérbios, como *oficialmente*, *fisicamente*, *tecnicamente*, *intelectualmente*, podem estar no escopo de um advérbio de inclusão ou exclusão, como se verifica nos exemplos (44)-(48); outros, como os de (49)-(51) não se submetem a essas operações:

(44) *Cada um já fica responsável por si, pelo menos fisicamente.*

(45) *Ele está bem só intelectualmente.*

(46) *O caso está encerrado inclusive oficialmente.*

(47) *Não vai resistir pelo menos tecnicamente*

(48) *Ele está morto pelo menos clinicamente*

(49) *Ele buzinou pelo menos brabamente [n.a.].*

(50) *São cantores brasileiros pelo menos autenticamente [n.a.].*

(51) *Pelo menos realmente é um corre-corre [n.a.].*

(d) A presença de certos advérbios faz com que a oração, além de informar implicitamente que uma determinada propriedade se aplica a determinado(s) indivíduo(s), veicule uma asserção explícita sobre a aplicação da mesma propriedade a outros indivíduos da mesma classe. É o caso de *só, somente, apenas, salvo, exceto, senão*, que permitem expressar exclusão, e *também, inclusive, até mesmo, pelo menos*, que permitem expressar inclusão.

O contexto mínimo em que o advérbio permite expressar inclusão ou exclusão, segundo o esquema semântico acima descrito (desdobramento da informação em asserção e pressuposição), é exemplificação por sentenças como (52), construídas com o advérbio *só*:

(52) ***Só** João saiu [n.a.].*

em que a saída de João é pressuposta, e a saída de qualquer outra pessoa que poderia ser colocada em paralelo com João é explicitamente excluída. Nesse exemplo, seria possível substituir *só* por *somente* ou *apenas* sem grandes diferenças quanto à interpretação. O fato de introduzir pressuposições é, obviamente, um forte critério para distinguir tipos de advérbios. Os quatro critérios que acabo de citar são apenas alguns dos inúmeros de que poderíamos lançar mão para confirmar a relevância empírica do Quadro 2. Alguns deles são mais probabilísticos do que categóricos, mas seu interesse nos parece evidente.⁶

⁶ A utilidade do Quadro 2 fica confirmada também pelos trabalhos que inspirou, direta ou indiretamente. Citamos aqui os principais: ILARI, R. "Sobre os advérbios aspectuais", in ILARI, R. (Org.), *Gramática do Português Falado II: os níveis de análise linguística*, Campinas EDUNICAMP, 1992, p.151-191; ILARI, R. "Sobre os advérbios focalizadores", *ibidem*, p.193-212; CASTILHO, A. e MORAES DE CASTILHO: "Advérbios modalizadores", *ibidem*, p.213-260; MOURA NEVES, M. H. de "Os advérbios circunstanciais de lugar e tempo", *ibidem*, p.261-296; OLIVEIRA, M. A. "Algumas notas sobre a colocação dos advérbios qualitativos em português falado", *ibidem*, p.297-304; POSSENTI, S. "Ordem e interpretação de alguns advérbios em português", *ibidem*, p.305-314; RISSO, M. S. "Agora... o que eu acho é o seguinte: um aspecto da articulação do discurso no português culto falado", in CASTILHO, A. (Org.) *Gramática do Português Falado III: as abordagens*, Campinas, EDUNICAMP, 1993, p.31-60; MORAES DE CASTILHO, C. M. *Os delimitadores em português falado*. Campinas, UNICAMP, Dissertação de mestrado; CASTILHO, A. *A predicação adverbial em português falado*. São Paulo, USP, Tese de Livre-Docência, 1993; CASTILHO e ILARI, "Syntactical classes in Brazilian spoken Portuguese", trabalho apresentado no *Workshop on Functional approaches to grammar*. Santa Bárbara, CA, abril de 1993.

Finalmente a ordem

A primeira impressão de quem trata de localização do advérbio na oração é de grande liberdade posicional ou mesmo de assistemática. A classificação proposta no Quadro 2 contribui para lançar um pouco de luz sobre a colocação dos “modificadores” adverbiais. O fato de o advérbio pertencer a uma subclasse determinada permite até certo ponto prever em que posição será encontrado; com efeito, as diferentes classes de advérbios tomam como escopo diferentes expressões em relação às quais se ordenam.

Advérbios predicativos

A posição dos advérbios qualitativos – Exemplificando com os advérbios qualitativos, verificamos que eles ocorrem nos três contextos seguintes: (i) com verbos intransitivos, associados ou não a outros adjuntos; (ii) com verbos transitivos indiretos; (iii) com verbos transitivos diretos.

Começemos por este último contexto. Os exemplos disponíveis no *corpus* analisado apontam, como privilegiada para o objeto direto a posição adjacente ao núcleo verbal. Não se encontram ocorrências em que, segundo nossa intuição de falantes, o advérbio interrompa essa adjacência, como seriam, por exemplo,

- (53) a. *Ele leu **inteligentemente** o livro* [n.a.].
b. *Ulisses criticou **sutilmente** o pronunciamento do presidente* [n.a.].

Aparentemente, o que ocorre nesses contextos é que, desprovido de qualquer marca morfológica ou sintática que torne visível sua função temática, o objeto direto é identificado como tal pela posição imediatamente pós-verbal. Nesses contextos, o advérbio toma por escopo a unidade formada pelo verbo mais seu objeto direto.

No caso dos contextos (i) e (ii) – com verbos intransitivos e transitivos indiretos – a ordem básica dos advérbios é imediatamente após o verbo, incidindo eles diretamente sobre o núcleo do sintagma verbal.

- (54) *Tem que vir correndo, almoçar **depressa** para dar tempo de digestão.*
(55) *Ver se ela fala **mais rapidamente***
(56) *Esse país só pode crescer **globalmente**.*
(57) *... falam **pausadamente***
(58) *Então a gente corre **depressa** vai para o carro, troca de roupa correndo.*
(59) *... Se a mão buzina **mais brabamente***
(60) *O metrô sai **mais caro** conforme o caminho.*
(61) *Trabalhamos **permanentemente** em Olinda.*

- (62) Não se preocupe **exageradamente** com o emocional.
- (63) Nós estamos pensando **seriamente** em parar.
- (64) Ultimamente se tem pensado **mais seriamente** nesse problema de saneamento básico.
- (65) ... ou a mulher se dedica... **inteiramente** à carreira e aí com prejuízo... dela como mãe... como dona de casa... ou então ela se dedica **exclusivamente** à dona de casa e à mãe, e aí com prejuízo da carreira.

Em contraste com o contexto dos verbos transitivos diretos, em que a posição imediatamente adjacente ao verbo parece ser aproveitada para tornar visível o papel temático do objeto direto, no contexto dos verbos transitivos indiretos essa mesma posição fica disponível para o advérbio, porque o complemento tem seu papel temático marcado inequivocamente pela preposição; isso não chega a impedir casos como

- (66) ... o telefonema de alguém ah:: intermediário... pode complicar a situação da pessoa naquela empresa ... então eles têm que telefonar... de um modo que não seja... identificado para que é... e conversar com a pessoa **diretamente**.

Mas também estes casos podem ser explicados por meio de uma hipótese auxiliar, de tipo pragmático-discursiva, por exemplo, a hipótese de que *diretamente* apareceu no final por ser informação nova, mais precisamente nova por contraste.

Os advérbios predicativos aplicados a adjetivos têm posição fixa; essa posição, ao contrário do que acontece com os advérbios aplicados a verbos, é, na grande maioria dos casos, imediatamente anterior ao seu escopo:

- (67) (ela não admite uma falha)... ela está **bem** ordenada.

A posição dos advérbios intensificadores – Quando aplicados ao verbo, alguns intensificadores confundem-se, na forma, com os indefinidos neutros, em posição de objeto direto; é talvez por isso que os encontramos, de modo absolutamente predominante, imediatamente à direita do verbo:

- (68) O médico está aconselhando a não ter **mais**.
- (69) Ainda não fala, fala **muito pouco**.
- (70) Precisa ter **igual**.
- (71) Se um tiver **mais** do que o outro.
- (72) Então ela se cala **um pouco**.

Na posição imediatamente à direita do verbo, também se encontram os intensificadores que são inequivocamente ad-verbais:

- (73) Gostaria **demais** de ter tido mais irmãos.
- (74) Não se toca **mais*** no assunto.

(75) *Sem querer eu vou apitando **mais**.*

(76) – ... *trocar de roupa, todo esse negócio... já é alguma coisa que eles fazem porque*

– *Ah, ajuda **demais**, né?*

– *Já ajudam **bem**.*

Quando aplicados a nomes, adjetivos e advérbios, a posição predominante dos intensificadores é a imediatamente anterior:

(77) *Gostaria de ter tido **mais** irmãos.*

(78) *Uma família bem grande com **bastante** gente.*

(79) *Aquela fase chamada de **mais** difícil.*

(80) *Embora eu fique **quase** biruta.*

(81) *E um começa a tomar atitudes **mais ou menos** autoritárias.*

(82) *Nós aqui ficamos **mais** autenticamente brasileiros.*

(83) *Ela está assumindo tarefas assim **muito** precocemente.*

(84) *A aparecer o boato que não é **mais** vinte e por, não é mais dez por cento mas será vinte por cento, então tá todo mundo assim, sobre o problema do salário, de aumento, o aumento, era quarenta.*

A posição dos advérbios sentenciais - O exame do *corpus* mostra que a posição predominante para os advérbios sentenciais é uma posição periférica na oração, de preferência a inicial, e mais raramente, a final. Deve-se dizer, no entanto, que as noções “posição inicial” e “posição final” não são óbvias, merecendo comentário a possível presença de tópicos, antitópicos e conectivos sentenciais, bem como existência, nas unidades discursivas, de “margens”, um fenômeno que já foi assim descrito:

as margens veiculam avaliações do falante a respeito do que ele fez constar no núcleo ou contêm instruções que orientam a interação e organizam as formas do desenvolvimento temático. A margem esquerda orienta-se para a elaboração do assunto: ela tematiza o núcleo e preside a organização textual da unidade discursiva (UD). A margem direita orienta-se para o interlocutor, através dos fáticos ou então oferece espaços para os segmentos ideados posteriormente à expressão do núcleo (*afterthoughts*) e para os antitópicos. As margens representam como que os andaimes da construção linguística, deixando à mostra os processos de sua constituição. Elas receberão aqui o nome de marcadores discursivos. (CASTILHO, 1987)

Assim, a chamada “posição inicial” é, mais do que um ponto, um amplo segmento onde se encontram expressões no papel de: a) operadores discursivos; b) tópicos; c) “complementizadores”; e d) sujeito da oração (estas já no núcleo da

oração). A chamada “posição final” inclui, por sua vez, a) antitópicos, b) *afterthoughts*, e c) operadores discursivos.

Quando há mais de um desses elementos na posição mais à esquerda da mesma oração, eles ocorrem numa ordem preferencial.

Vale ressaltar novamente que a posição entre o tópico e o sujeito gramatical é a predominante para advérbios sentenciais, já que é a posição privilegiada para que esse tipo de advérbio tome como escopo a oração toda. Geralmente esses advérbios seguem os conectivos oracionais:

(85) **Infelizmente**, Recife é uma cidade de mais de um milhão de habitantes.

(86) ... particularmente eu aprecio mais o cinema nacional... mas **infelizmente** nós estamos nessa situação.

(87) ... escrever para a faculdade pedindo o nome dos melhores alunos (...) porque **realmente** a dificuldade é grande.

(88) Agora, **realmente** ele é um chato.

(89) O menino então **geralmente** ele vai [para o campo de futebol] com o tio.

(90) os homens, os homens que estão lá, **realmente** eles penam, penam bastante.

A posição dos advérbios não-predicativos

Os advérbios não-predicativos mais frequentes no *corpus*, a saber os “de verificação”, obedecem, quanto à posição ocupada nas sentenças, a regras bem diferentes das que foram descritas até aqui.

(a) A posição habitual do advérbio de negação por excelência, *não*, é a imediatamente pré-verbal, e seu deslocamento para outras posições aparece na maioria dos casos como impossível, de modo que a construção mais habitual da negação em português poderia justificadamente ser caracterizada como uma construção quase-clítica.

(91) A programação havia sido planejada mas **não** deu certo.

(92) Esperamos que **não** haja maiores problemas.

(93) Então **não** tem quase que vantagem nenhuma.

(94) Oficialmente **não** está encerrado mas de fato está.

(95) **Não** se toca mais no assunto.

Os raros contextos em que tal não ocorre são bastante diferentes dos anteriores, e consistem em *tags* ou *denegações* de uma sentença anterior:

(96) A menina toma conta – precocemente, **não?** – das atividades dos irmãos.

(97) *Ela é uma pessoa muito capaz... que também provocou uns certos ciúmes. Isso eu soube **não** eu vi.*

(b) Os advérbios de inclusão e exclusão e os focalizadores podem ser encontrados em várias posições no interior da oração, como mostram as alterações de que são passíveis exemplos como (98):

(98) *Parece que ela **pelo menos** tentou lutar e não conseguiu.*

cp. (a) ***Pelo menos** parece que ela tentou lutar.*

(b) *Parece **pelo menos** que ela tentou lutar.*

(c) *Parece que **pelo menos** ela tentou lutar.*

(d) *Parece que ela tentou **pelo menos** lutar.*

Essa liberdade explica-se pela grande variedade dos termos que esses advérbios permitem incluir/excluir ou focalizar; mas os advérbios dessas duas classes ocorrem normalmente em posição adjacente ao constituinte que tomam como escopo.

Recapitulação dos principais aspectos descritivos

Resumindo os resultados dessa pesquisa, fomos levados a concluir que a posição dos advérbios na frase diz respeito a tipos (advérbios sentenciais, advérbios predicativos intra-sentenciais, operadores discursivos) que se definem funcionalmente e que correspondem a propriedades de ordem sintática e semântica. Para cada tipo há geralmente uma posição preferencial, sendo outras posições disponíveis por uma operação de “deslocamento” que obedece principalmente à necessidade de precisar o escopo do advérbio, mas pode eventualmente explicar-se por razões de informatividade ou de interesse discursivo; um mesmo “advérbio” (como *não*, *normalmente* ou *basicamente*) pode pertencer a vários tipos, assumindo as funções características de cada um; pode-se falar neste sentido de polissemia da maioria dos advérbios e, numa outra ótica, de economia da língua (já que a língua reutiliza os mesmos meios lexicais multiplicando as suas funções); a posição depende, em cada caso, da função que o advérbio exerce ao mesmo tempo que contribui para identificar essa função.

Somos assim levados a concluir que a posição dos advérbios em português falado é bastante regular. Tudo aquilo que pudemos observar em nossa análise dos advérbios contradiz a crença de que a língua falada é anárquica, opondo-se a uma língua escrita perfeitamente regrada. Uma consequência notável é, nesse sentido, a possibilidade de estabelecer generalizações sobre o papel da ordem que abrangem, simultaneamente, a posição dos advérbios relativamente às palavras que modificam, e a posição relativa do predicado e seus argumentos.

A impressão geral que gostaríamos de transmitir é, em suma, de coerência e regularidade. É claro que essa impressão só pôde ser obtida na medida em que,

na primeira parte do trabalhos, nos permitimos recomendar inúmeros “esquecimentos estratégicos”, afastar alguns estereótipos de advérbio e separar como não pertinentes determinadas classes de usos. Convém lembrar aqui todas essas “manobras”, porque elas resultaram em deixar abertas várias questões que constituem conexões obrigatórias com o tema aqui tratado:

- verificando que os dêiticos comportam empregos altamente diferenciados (como argumentos do verbo, operadores textuais, etc.), decidimos tratá-los como uma classe gramatical distinta da dos advérbios;
- ficou assim esvaziada a categoria dos advérbios “circunstanciais”, que não havia mais motivo para tomar como paradigmática;
- por razões de ordem sobretudo prática, decidimos não abordar as expressões adverbiais complexas e os advérbios de discurso; pelas mesmas razões, deixamos de abordar como um tópico específico os advérbios construídos como orações subordinadas.

Digressão final: a cientificidade dos resultados

Apesar de toda a insegurança, ceticismo e autocrítica que caracteriza os autores desta pesquisa, julgamos que suas conclusões são válidas, e é sobre os fundamentos dessa validade que compensa agora falar, a título de conclusão.

Em primeiro lugar, cabe lembrar que nem o interesse pelos advérbios, nem o interesse pela ordem nasceram de um plano previamente traçado; chegou-se a eles por um compromisso, que se tornou necessário entre os vários grupos que atuavam em 1989 no Projeto “Gramática do Português Falado” assim que ficou evidente sua absoluta heterogeneidade de formação e interesses. O Projeto “Gramática do Português Falado” compôs-se recrutando por seu prestígio acadêmico pesquisadores que atuam em várias universidades brasileiras, representando praticamente todas as grandes orientações da lingüística. Como era de se esperar, essas diferenças vieram à tona nas primeiras reuniões, levando à formação de equipes distintas. Ainda assim, a diversidade das equipes levaria a um impasse insuperável se não fossem algumas medidas “emergenciais”; uma dessas medidas foi a de recomendar que todos lessem e comentassem o mesmo trecho de um *corpus* previamente disponível; a outra, foi decidir que cada uma das equipes trabalharia sobre um problema qualquer em que fosse crucial a ordem: que desse modo era dada principalmente como um mote, propositalmente vago para permitir que cada equipe se voltasse para fenômenos de que tinha experiência prévia. Não tenho uma lembrança clara dos motivos por que nossa equipe foi interessar-se precisamente pelos advérbios, mas lembro que na decisão

influiu o receio de obter resultados que duplicassem os da outra equipe de “sintaticistas”, que estava mais preparada para estudar a estrutura canônica da sentença: o advérbio ficava em princípio fora dela.

Abordamos a classe dos advérbios cientes da necessidade de uma classificação mais racional que a das gramáticas escolares e investimos nisso nosso maior esforço, multiplicando ao máximo os testes que poderiam fundamentar uma tipologia. O tempo todo, tenho a impressão de que procuramos suspender qualquer reflexão mais articulada não só sobre a estrutura da sentença mas ainda sobre as outras classes de palavras que uma gramática precisa forçosamente reconhecer. Uma das conseqüências é que, na prática, trabalhamos o tempo todo com os conceitos de advérbio e outros da gramática tradicional, aceitando a interferência não explicitada de todos esses conhecimentos colaterais. Nesse sentido, nosso trabalho tem muito da situação, evocada por Otto Neurath, da reconstrução de uma parte do navio em que navegamos.

As conclusões alcançadas são parcialmente diferentes das que esperaríamos: de fato, penso que a maioria de nós esperava poder explicitar uma álgebra extremamente complicada que daria conta da posição dos advérbios tomados como uma classe coesa. De fato, acabamos por encontrar várias álgebras mais simples, que dão conta da posição dos advérbios mediante uma tipologia.

Em nenhum momento, penso que recorreremos verdadeiramente a qualquer experimento, se por experimento entendermos aquele tipo de situação em que a observação factual contradiz as predições de uma hipótese teórica e, portanto, leva a descartá-la, como no célebre e sempre lembrado episódio da descoberta das causas da febre puerperal por Sommelweis; na realidade, nosso método consistiu, na maior parte do tempo, em procurar o melhor enquadramento possível das ocorrências de advérbios que íamos sucessivamente examinando, na grade disponível, administrando “cum grano salis” o enquadramento e as alterações que se revelavam necessárias na própria grade. Com isso, acredito que fomos “ganhando experiência”, o que significa, no caso, entre outras coisas, que fomos tornando mais exata e articulada a representação bastante genérica de que tínhamos partido (que é a grosso modo a do advérbio como uma palavra que “modifica” outras palavras), com parcial esquecimento dessa mesma representação. Hoje, penso que, para a maioria de nós, a afirmação de que o advérbio é uma palavra que modifica “substantivos, verbos e outros advérbios” tem no máximo um interesse didático.

O que garante que nossa atual representação da classe dos advérbios é correta? Já que não chegamos a submetê-la a experimentos, temos que basear-nos precisamente nessa idéia de ganho de experiência.

- (a) Antes de mais nada, parece-me importante observar que o ganho de experiência de que falei é um fato coletivo, e foi compartilhado no caso por pessoas com longa vivência de problemas lingüísticos. Não quero com isso afirmar que a ciência deva ser gerida por velhos caducos e arbitrada por argumentos de autoridade. Quero apenas dizer que não me parece insignificante o fato de que os resultados acima descritos foram longamente negociados por pessoas que teriam condições intelectuais e psicológicas de contrapor alternativas atraentes; se não o fizeram, ou melhor, se foram diminuindo suas resistências e restrições a partir de um certo momento, não terá sido apenas por conformismo, mas pela impressão, talvez correta, de que esbarramos em um conjunto de fatos “objetivos”.
- (b) Com certeza, todos nós tínhamos em vista um interlocutor externo a nosso próprio trabalho, vagamente identificado com o futuro leitor da “gramática do português falado”. Assim, é provável que, ao aceitarem a representação que finalmente prevaleceu, os vários co-autores tenham considerado, além da “fidelidade aos fatos” (seja lá o que isso significa), uma certa “negociabilidade” com um público que está além do grupo, do próprio projeto e da casta dos especialistas. A grande procura de que foi objeto o livro em que se relata essa pesquisa, aliada a um número considerável de consultas e citações, mostra uma disposição evidente e generalizadora em adotar a representação proposta; isso talvez não a torne mais válida, mas a torna mais presente, criando no grupo e fora dele uma harmonia de ilusões que lhe confere em certa medida o caráter de “doutrina estabelecida”. Não há por que minimizar o fato de que a ciência é freqüentemente isso.
- (c) De qualquer maneira, para nós, parece mais fundamental a sensação compartilhada de que, tendo partido de uma especulação até certo ponto livre, porque informada apenas por alguns “slogans” (tipo: advérbio é a palavra que modifica...), fomos sentindo aos poucos surgir resistências nessa liberdade inicial, ao mesmo tempo em que íamos trabalhando mais a fundo os chamados “critérios” – o que teve principalmente a função de reforçar o tecido de representações em que se incluem os advérbios, as estruturas sintáticas e semânticas relacionadas, bem como as classes de palavras afins.

Outras representações seriam válidas? Penso que sim, e é possível que a escolha deva ater-se a um cuidadoso exame dos objetivos com que as elaboramos. Provavelmente, trabalhamos com objetivos excessivamente vagos, e a imagem que temos do futuro leitor da gramática do português falado, essa espécie de “honnête-homme”, que leria gramáticas para edificação pessoal, sem preocupações normativas, sem pedantismos e sem objetivos pontuais, é uma ficção.

Reconstrução de um fragmento de nossos “conhecimentos”, esse capítulo sobre advérbios seria impossível se não pudéssemos tomar alguma distância em

relação ao estabelecido. Essa distância foi dada pela crença, provavelmente falsa, de estarmos trabalhando sobre um objeto radicalmente diferente do da gramática tradicional e do da lingüística de estampo chomskiano. Esse objeto é evidentemente o “português falado”, que talvez não seja nada mais do que uma outra maneira de olhar para dados que sempre estiveram disponíveis – afinal são os mesmos que o NURC vinha ruminando há anos até serem repropostos de repente por uma espécie de acordo de cavalheiros, como algo que não conhecíamos. Olhar para esses mesmos corpora como se representassem algo radicalmente distinto da língua escrita fêz com que nos colocássemos “*d’emblée dans la langue*” recomeçando o velho jogo de ver e não ver descrito por Saussure, e assim recuperando uma possível sistematicidade que certamente esclarece um pouco da língua. Fazer lingüística é também isso.

ILARI, R. The adverbial category in the grammar of standard spoken Brazilian Portuguese. *Alfa*, São Paulo, v.51, n.1, p.151-174, 2007.

- **ABSTRACT:** *This paper describes the historical development of the reserarch team, who, within the “Gramática do Português Falado” Project, on the process of analysing descriptively or theoretically some linguistic facts about standard spoken Brazilian Portuguese, focused on the adverb. This group research worked together for three years. This being together was very important to consolidate the team itself and its approach to linguistics, to guide the search for a rational organization of the words that grammars have labelled under the name of ‘adverbs’, and to clarify the role that word classes should play in a linguistically oriented grammar. Finally, it discusses the scientific character of the investigation described here.*
- **KEYWORDS:** *Adverbs; word classes; spoken language; grammar; syntax.*

Referências Bibliográficas

CASTILHO, A. T. de. *Para o estudo das unidades discursivas em português falado*. Campinas, 1987. Mimeografado.

HALLIDAY, M. A. K; HASAN, R. *Cohesion in spoken and written English*. London: Longmans, 1976.

ILARI, R. et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. de (Org.). *Gramática do português falado: a ordem*. Campinas: EDUNICAMP, 1990. v.1, p.63-141.

NEVES, M. H. M. Os advérbios circunstanciais de lugar e tempo. In: ILARI, R. (Org.), *Gramática do português falado: os níveis de análise linguística*. Campinas: EDUNICAMP, 1992. v.2, p.261-296.